

1. Introdução

No matarás (Ex 20, 13).

Marcha o homem sobre o chão
 Leva no coração uma ferida acesa.
 Dono do sim e do não,
 Diante da visão
 Da infinita beleza
 Finda por ferir com a mão essa delicadeza
 Coisa mais querida, a glória da vida.
 Caetano Veloso, Luz do Sol

E, infelizmente, essa é uma grande realidade. (um grande artista como o Caetano consegue fazer poesia disso. Tem que ser bom mesmo...)

O homem que marcha sobre o chão e leva no coração uma ferida acesa: nenhum homem que esteja em paz com si mesmo (no coração uma ferida acesa) mata outro. Há sempre um problema psicológico não resolvido de fundo, inclusive e principalmente uma mãe que aborta.

Dono do sim e do não: voltamos ao problema do pecado original que falávamos no começo. Eu dou as cartas no plano moral, eu, o homem, digo o que é o certo e o errado, não Deus. Grande tentação da soberba.

Diante da visão da infinita beleza: todo homicídio é sempre uma grande agressão a si mesmo e ao mundo, por que o homem nunca chega a perder completamente a consciência de que a vida é algo muito bonito. Não obstante agride a sua consciência e comete o homicídio. Dizia Sócrates, que se dou-lhe uma facada na cara, é a minha face que se desfigura.

Finda por ferir com a mão essa delicadeza, Coisa mais querida, a glória da vida. Aí está, acaba fazendo a besteira.

2258 *‘La vida humana es sagrada, porque desde su inicio es fruto de la acción creadora de Dios y permanece siempre en una especial relación con el Creador, su único fin. Sólo Dios es Señor de la vida desde su comienzo hasta su término; nadie, en ninguna circunstancia, puede atribuirse el derecho de matar de modo directo a un ser humano inocente’* (CDF, instr. "Donum vitae" intr. 5).

Assim sendo, as nossas teses fundamentais, que vamos procurar, na medida do possível, expor aqui são:

- “O homem é chamado a uma plenitude de vida que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus.” *Evangelium Vitae*, 2
- A vida humana é algo sagrado, e como tal deve ser tratado. Por duas razões principais:

- cada vida humana é criada diretamente por Deus, e não por mero acaso da natureza (ainda que Deus eventualmente se utilize do acaso para criar)
- A 2a. pessoa da SSMA Trindade, o Verbo, se encarnou, tornou-se homem. Isso confere ao homem uma dignidade até então insuspeitada
- Deus é o Senhor da vida, não o homem. Quem dá e quem tira a vida é Deus (como dizia o jagunço: eu só faço o furo, quem mata é Deus)

Acho que entre os presentes não seria necessário fazer demonstrações exaustivas com relação ao problema do homicídio e do aborto, que vamos tratar hoje. De qualquer maneira, é importante desmontar a bomba, para podermos ter idéias bastante com relação a esses assuntos, que são um grave problema atual.

Além disso, não pretendemos fazer uma exposição técnica, de e para especialistas em bioética, onde há um monte de problemas particulares intrincados etc. Vamos procurar nos ater a uma exposição dos problemas **morais** envolvidos na coisa. Além disso, vamos dar mais atenção aos **princípios gerais** da moral católica no tocante a esses problemas, mais do que perder-nos em casuísticas complicadas.

2. Homicídio

O Homicídio direto e voluntário é um pecado que “brada aos Céus”. Para quem comete e para quem ajuda a cometer.

Gen 4 “8 Falou Caim com o seu irmão Abel. E, estando eles no campo, Caim se levantou contra o seu irmão Abel, e o matou.

9 Perguntou, pois, o Senhor a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Respondeu ele: Não sei; sou eu o guarda do meu irmão?

10 E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão está clamando a mim desde a terra.”

Quando o homicídio (5o. mandamento) se insere no contexto do 4o. mandamento, a coisa fica bem pior: infanticídio, fraticídio, o parricídio e o assassinato do conjugue, são especialmente graves.

Há também o homicídio indireto (culposo, na lei penal): expor-se ou expor alguém a um perigo de morte razoável sem razão grave. Ou, no caso de omissão, negar assistência a uma pessoa em perigo.

Evidentemente, não se trata de não por o pé na rua por que “viver é muito perigoso”. E tá cheio de gente assim, que tem medo da própria sombra.

Mas há casos em que isso ocorre: dirigir imprudentemente, falta de condições de trabalho e de equipamentos de proteção (obrigar os caras, às vezes), falta de manutenção adequada para reduzir custos (Petrobrás). São fatos com graves repercussões morais sobre as pessoas que tomam tais decisões.

3. Aborto

2270 La vida humana debe ser respetada y protegida de manera absoluta desde el momento de la concepción. Desde el primer momento de su existencia, el ser

humano debe ver reconocidos sus derechos de persona, entre los cuales está el derecho inviolable de todo ser inocente a la vida (cf CDF, instr. "Donum vitae" 1, 1).

O direito à vida pertence a toda pessoa humana, pelo fato de ser pessoa humana simplesmente. Isso é o que a Igreja defende e vai defender sempre, por mais que a turma chie.

Antes de haberte formado yo en el seno materno, te conocía, y antes que nacieses te tenía consagrado (Jr 1, 5; Jb 10, 8-12; Sal 22, 10-11).

A Igreja no seu começo já se deparava com esse problema, especialmente na sociedade pagã greco-romana.

EV 96: "Quando se nega Deus e se vive como se Ele não existisse ou de qualquer modo não se tem em conta os seus mandamentos, então facilmente se acaba por negar ou comprometer também a dignidade da pessoa humana e a inviolabilidade da sua vida."

Num texto do século I:

No matarás el embrión mediante el aborto, no darás muerte al recién nacido. (Didajé, 2, 2; Bernabé, ep. 19, 5; Epístola a Diogneto 5, 5; Tertuliano, apol. 9).

Esse é um problema que nunca abandonou a humanidade. E hoje, quando nessa situação de neopaganismo, as coisas estão provavelmente bem piores. Algumas estatísticas, mais ou menos confiáveis:

- Número estimado de abortos ilegais no Brasil: 1 milhão

Síndrome Pós-Aborto (Dra. Brenda Major, que é a favor do aborto)

Abuso de drogas e álcool: Mulheres que realizaram um aborto têm quase 3 vezes mais risco de usar drogas ou álcool do que mulheres que não abortaram.

Mulheres que nunca usaram drogas ou álcool e abortaram seu primeiro bebê têm 5 vezes mais risco de começar a usar drogas ou álcool em comparação com mulheres que tiveram seus bebês.

Vinte por cento relataram ter começado a usar drogas ou álcool um ano depois do aborto, e 67 por cento disseram ter começado num período de 3 anos.

Taxas de mortalidade: Um estudo feito na Finlândia revelou que as mulheres que fizeram aborto tiveram 252 por cento mais chance de morrer no mesmo ano em comparação com mulheres que tiveram seus bebês.

Em comparação com mulheres que deram à luz, as chances de morrer dentro de um ano após um aborto foram 1.63 para morte de causas naturais, 4.24 para mortes de ferimentos relacionados a acidentes, 6.46 para mortes em consequência de suicídio e 13.97 para mortes em consequência de assassinato.

61% das mulheres entrevistadas evitam pensar no aborto e reprimem estes pensamentos, desenvolvendo então sintomas de origem psíquica (psicossomáticos): dores de cabeça, vertigens, tonturas e cólicas abdominais.

70% das mulheres surgem pensamentos de como seriam as coisas se a criança abortada vivesse agora

52% delas se incomodam ao verem mulheres grávidas, porque lhes recordam seus próprios filhos abortados.

Excomunhão

A Igreja que tem mais o que fazer do que simplesmente aceitar o interesse de algumas poucas pessoas (esse é um mercado enorme, e um grande canal de ingerência em outros países), estabeleceu penas canônicas duras para o aborto:

A comissão (ato de cometer) e a colaboração no crime do aborto imputa numa pena canônica de excomunhão *latae sententiae*, pelo próprio ato e automática. É uma pena grave, para ver se o cidadão ou a cidadã cai em si.

A excomunhão proíbe a recepção dos sacramentos. É um estado de afastamento, de expulsão reversível da Igreja. Só pode ser levantada por um bispo ou por um padre com as devidas licenças.

2.1. Fontes escriturísticas

Há varias, já falamos de algumas. A principal (que diz respeito mais propriamente ao fratricídio) é o episódio de Caim e Abel. É o mote (cap 1) da EV.

É a entrada do assassinato, e mais, da própria morte, no mundo, e por isso tem um valor emblemático:

*Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: "Vamos ao campo". Porém, logo que chegaram ao campo, Caim levantou a mão contra o irmão Abel e matou-o.
O Senhor disse a Caim: "Onde está Abel, teu irmão?" Caim respondeu: "Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?"*

Olha, eu não tenho nada com isso, tá? Como Pilatos que lava as mãos.

Mas meu marido e eu achávamos que não estava na hora de ter um filho. Ele ia atrapalhar os nossos planos, e nós queríamos ir para a Europa

O Senhor replicou: "Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim. De futuro, serás maldito sobre a terra que abriu a sua boca para beber da tua mão o sangue do teu irmão. Quando a cultivares, negar-te-á as suas riquezas. Serás vagabundo e fugitivo sobre a terra".

A terra negará as suas riquezas. É uma maldição das boas.

O problema no fundo é: por que as pessoas agem assim? Por que as pessoas "fazem uma concessão à lógica do maligno, daquele que foi assassino desde o início?" (Cfr. Jo 8, 44)

2.2. O problema congoscitivo

EU acho que é um problema relacionado ao conhecimento, mais do que à vontade. Sim, há muita gente que sabe claramente que está errada, mas age contra a consciência.

Mas há muita gente que fez a besteira antes: torceu o próprio conhecimento (especialmente no campo moral), não buscando a verdade, mas o conveniente.

Negação da verdade como *adequatio res et intellectum*: A minha verdade é a minha verdade, a sua é a sua e vamos vivendo. O que é certo para mim é errado para você e tudo bem. Tudo bem que haja diferentes pontos de vista, mas não podemos simplesmente aceitar isso e renunciar à procura, eventualmente exaustiva, da verdade.

O ponto central dessas éticas subjetivistas não é a **pessoa**, enquanto o ser **real**. Mas a **ocasião**. Também chamada a “moral de ocasião” pelos filósofos. A moral do pintou o lance.

Bom, mas como não dá para cada um ter a sua moral em todas as coisas, senão não existe sociedade, vamos tentar estabelecer algumas regras comuns para a gente não se matar um ao outro. Ok.

Vamos nos reunir numa assembléia democrática popular e representativa e a gente decide qual é a atitude ética nesse caso. Sim, mas com base em quê, exatamente? Ah, a gente é maioria!

Ou seja, a base de verdade da nossa reflexão moral não é a pessoa humana, como realidade objetiva. Mas a nossa **própria cabeça**, na nossa **idéia arbitrária**, que simplesmente toma lugar da realidade. Como atingir então a **verdade**. Essa é outra história... (sugiro a leitura do livro *A Idéia de Verdade em Educação*, do Rui Nunes)

2.3. A relação com a sexualidade como um todo

O problema no fundo no fundo está na compreensão superficial da própria sexualidade na vida humana, numa banalização do ato sexual.

O sexo passou a ser uma ocasião (pintou o lance), não como uma **expressão de humanidade**, não como um caminho para o **aperfeiçoamento e a autorealização do homem**. Mas como um brinquedo, um pirulito. Dá-se muito pouco valor ao sexo. Mas o sexo, antes de tudo, é o canal que Deus criou para engendrar a vida. Que é sagrada. Bom, então o sexo é sagrado. Sim senhor.

Daí a importância de aprofundarmos na compreensão das raízes da moralidade tendo como referência a **natureza humana como valor absoluto** e não o **consenso** e muito menos na **ocasião**.

Consenso que pode ser representativo (assembléia) mas também da opinião pública. Se todo o mundo diz. Se todo o mundo fala. Se todo o mundo faz.

Ou seja: nenhum consenso ou nenhum desejo de agradar a opinião pública justificam um homicídio contra um inocente.

2.4. Primariedade e violência

Continuamos tentando entender o fenômeno do aborto. Mais duas razões que levam a isso:

a) Primariedade

Segundo G Rosa, o ser humano é um “criatura trivial”. Há muita gente que não admite um fato muito simples: a realidade é complexa. E se é muito simples, na cabeça do cara, não faz sentido parar, estudar, refletir, analisar um assunto.

E ao mesmo tempo, oh paradoxo, se arvora em senhor supremo da verdade sobre os céus e a terra.

b) violência

E há uma conseqüência especialmente importante da primariedade que é a violência. A violência tem outras causas também, e há violências precedidas de intensas reflexões, mas em geral o homem primário é violento nas suas ações (resolver) e principalmente nas reações.

A violência foi mudando de feições ao longo da história. Tudo bem, não temos mais invasões dos hunos, que matavam homens, mulheres, crianças, cachorros, bois etc.

Não obstante a nossa sociedade é extremamente violenta. Aqui no BR isso é bastante evidente. Mas poderíamos ir ao caso extremo, das sociedades escandinavas por exemplo, onde as pessoas são muito educadas e civilizadas, mas que continuam sendo tão bárbaras quanto seus antepassados (O Anel dos Nibelungos).

O sujeito é a fina flor da civilização ocidental refinada, mas é capaz de assassinar um inocente indefeso, com anestesia, assepsia e segurança, e ainda mais, pago pelo estado.

Sempre: “O aborto é uma coisa de Jack, o estripador.”
Nelson Rodrigues

3. Casos extremos

a) estupro

É sem dúvida algo grave, um trauma muito grande para a mulher, um crime abominável. E o feto?

Ou é um ser humano ou não é. Se é, é ser humano e é inocente. Logo, não pode ser morto, e a lei deve proteger essa pessoa. Mas a mãe tem obrigação de criar. Não necessariamente. Logo o estado poderia assumir a tutela da criança.

Mais ainda: o trauma psicológico (sentimento de culpa) seria uma nova pena acrescentada à dor dessa mulher.

O Dr. Reardon revela que das 50 vítimas de estupro que expressaram seus sentimentos sobre o aborto que realizaram, 88 por cento declararam que foi uma escolha errada.

Mais de 90 por cento disseram que desaconselhariam outras vítimas de violência sexual a realizar um aborto.

Depoimento do Sr. DeZeeuw: “Como alguém concebido num estupro, tenho um modo especial de ver a questão do aborto. Se o aborto fosse legal na época em que fui concebido, eu não estaria vivo. Jamais teria tido a chance de amar e de me dar aos outros.”

b) má formação do feto (aborto terapêutico)

EV 20 equivale a atribuir à liberdade humana um *significado perverso e iníquo*: o significado de um *poder absoluto sobre os outros e contra os outros*

Hoje é o médico, o técnico, o todo poderoso (por que domina a técnica: grande bosta) é o dono da vida, o supremo legislador, quem decide quem “merece viver”. Por que afinal de contas é um aborto “terapêutico”, da mesma maneira que o cara toma um remédio para azia.

O lance é: sim, acolhemos a vida, sim, mas sob certas condições.

Condição 1: que vida seja viável. Vai morrer, vai. É um direito da pessoa, de morrer dignamente, de toda a pessoa, inclusive da mãe e do médico. E se for cristão tem o direito de receber o batismo.

Condição 2: que a vida seja “boa”, que tenha “qualidade de vida”. Olha, a gente tenta ser feliz com a vida que temos. E conheço muitos casos onde justamente um deficiente físico ou mental é a alegria da casa e tem um grande amor à vida.

Caso OI AC, aconselhamento genético, aborta etc.

EV 14 Seguindo a mesma lógica, chegou-se a negar os cuidados ordinários mais elementares, mesmo até a alimentação, a crianças nascidas com graves deficiências ou enfermidades.

Diagnósticos pré-natais: são bons, desde que tenha a intenção de não abortar independentemente do resultado. Podem ser úteis na condução do caso.

mas, diz o CIC “o diagnóstico não pode ser equivalente a uma sentença de morte”

Hoje, anencefalia, amanhã, Down, depois, diabete, em seguida unha encravada e finalmente ausência de olho azul....

c) perigo de morte para a mãe

Aqui é necessário distinguir duas situações parecidas, mas que têm conotações morais diferentes:

1) Aborto como legítima defesa da mãe.

Na realidade, não é legítima defesa, por que esta se aplica contra um agressor injusto. E o exercício dela é às vezes um dever, como no caso de um soldado que defende a sua pátria.

EV 58 “. A pessoa eliminada é um ser humano que começa a desabrochar para a vida, isto é, o que de mais *inocente*, em absoluto, se possa imaginar: nunca poderia ser considerado um agressor, menos ainda um injusto agressor!”

Nunca é lícito matar um inocente para salvar um inocente.

2) Ação de duplo efeito

É um tema complicado em moral, mas a opinião corrente é a seguinte:

A mãe precisa submeter-se a um tratamento do qual, sabe-se com certeza, resultará num aborto. E há mães que deram a vida por seus filhos mesmo (Gianna Beretta)

Nesse caso, a mãe pode optar por fazer ou não o tratamento, e o aborto provocado mas não diretamente querido não é moralmente imputável, por que o ato em questão é tomar o remédio para curar, e não fazer o aborto para curar.

Bibliografia:

Catecismo da Igreja Católica
Encíclica Evangelium Vitae
Rolim, L.C., ABORTO E TRAUMATISMOS PSICOLÓGICOS, *Pergunte e Responderemos*, 413, outubro / 96.
www.moses.com.br
www.abortobrasil.hpg.com.br